

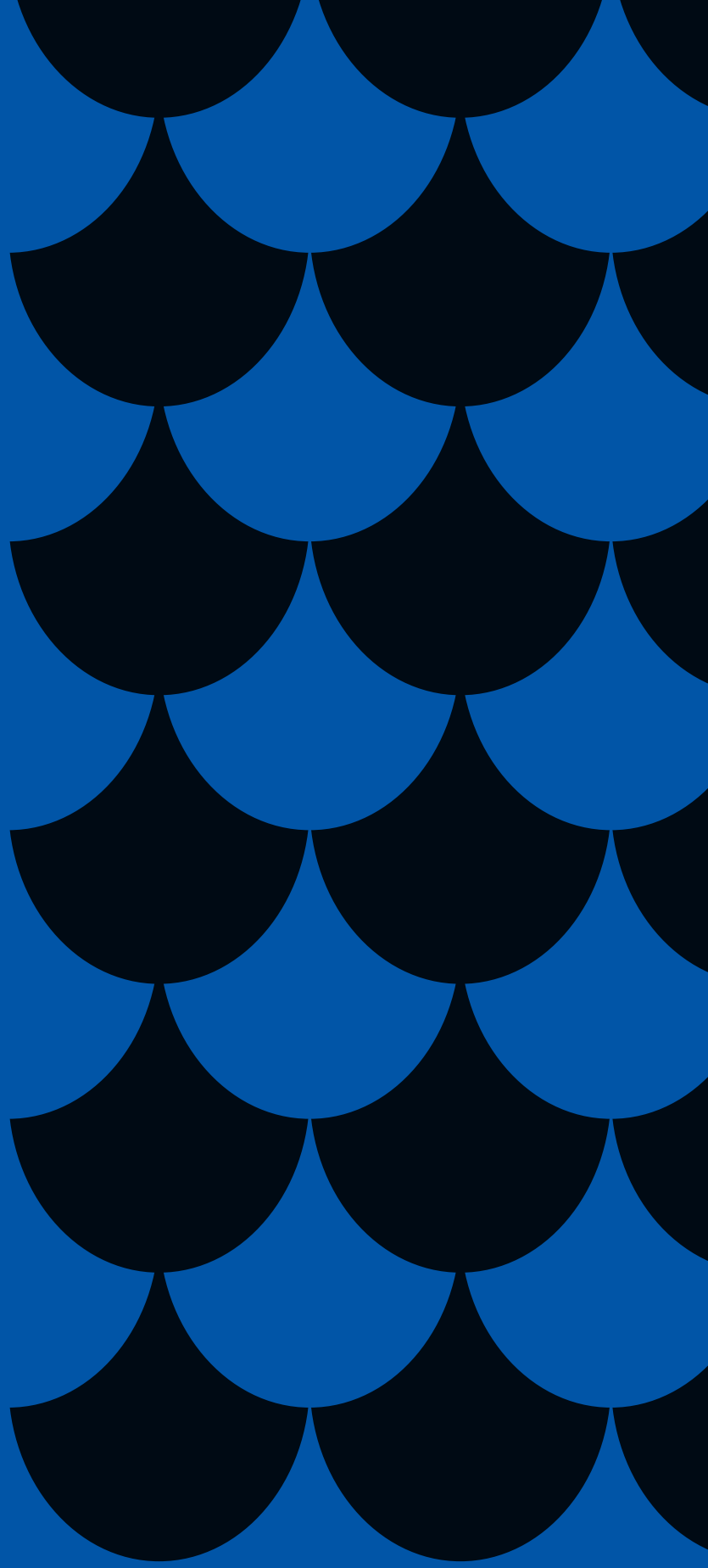
01 Pádua Ramos/

A arquitectura do quotidiano

1960—1970

Gisela Lameira

Luciana Rocha



011	Prefácio
021	I. Luís Pádua Ramos: a arquitectura como desenho e desígnio
024	1. Os anos de formação
036	2. CODA. “Insolação. Arquitectura e Urbanismo. Ábacos de insolação”
045	3. O início da actividade profissional: Gabinete de Arquitectura Loureiro e Pádua
046	4. Influências internacionais nas décadas de 1960 e 1970
046	5. O Porto no início dos anos 60. A construção da “arquitectura do dia-a-dia”
055	6. Continuidades e rupturas numa obra em metamorfose: a consolidação de um léxico próprio
055	6.1 O edifício enquanto objecto. Volumetria, materialidade, linguagem.
069	6.2 A luz enquanto elemento de concepção espacial
077	6.3 O desenho de pormenor enquanto problema arquitectónico
087	6.4 Desenhos de cobertura
091	6.5 A cor enquanto elemento diferenciador

093	II.
	A arquitetura do cotidiano
	1960—1970
095	1. Habitar a periferia
095	1.1 A pequena escala nas zonas periféricas
121	1.2 Sinais de modernidade em contexto urbano
132	1.3 Reinterpretação do existente
146	1.4 Continuidades e rupturas
159	2. Habitar a cidade em consolidação/expansão
159	2.1 Definindo princípios de continuidade e experimentação. Edifícios em lote na cidade consolidada
191	2.2 Blocos isolados em zonas de expansão. Liberdade formal em zonas de menor pressão urbana
203	2.3 Edifício-bloco em frente urbana. “Fazer rua” em zonas de extensão urbana
222	3. Equipar a cidade
247	3.1 Equipamentos isolados na periferia

268	Bibliografia
274	Agradecimentos
277	Luís Duarte Pádua Ramos 1931—2005
278	Biografia Por Luísa Pádua Ramos
284	Projectos realizados 1960—2000
293	Projectos em co-autoria: Luís Pádua Ramos e J. Carlos Loureiro, Arquitectos

Declarar a incompletude desta introdução é reconhecer a dificuldade de outra possibilidade de abertura. Trata-se da dificuldade, antes de mais, em alcançar uma leitura final, um encerramento mesmo que momentâneo, da obra arquitectónica de Pádua Ramos [1931—2005] e do seu enredo produtivo no contexto das décadas de 60 e 70. Esta circunstância, ajustada à investigação conduzida, neste volume, por Gisela Lameira e Luciana Rocha, é impeditiva de qualquer ambição em terminar o que não pode ser terminado.

O propósito desta investigação, alicerçada com rigor científico, é portanto de abertura de um inquérito indispensável, ainda ausente no panorama dos estudos arquitectónicos, para interpretar a arquitectura da segunda metade do séc. XX português. Assim, nesta introdução deixam-se algumas perguntas e procuram-se outras respostas, necessariamente inacabadas, que, ao puderem inquietar uma história e ao colocarem em causa a arrumação em gavetas de meio século de arquitectura portuguesa¹, ambicionam contribuir para um caminho a percorrer, agora com o contributo deste re-olhar sobre a obra de Pádua Ramos. Perguntas que remontam ao início dos anos 80 quando, com outros colegas, ainda alunos do curso de Arquitectura nas Belas-Artes do Porto, víamos recentes construções — projectadas e erguidas na década de 70 — a substituírem antigos edifícios, lote a lote, na malha urbana do centro da cidade. Então perguntávamos se essa nova arquitectura, ainda preocupada com a inteligência do desenho e com as qualidades urbanas da rua, podia ser resposta à decadência que já açulava, de forma generalizada, o centro do Porto. Tratava-se de edifícios que, por exemplo, ao manterem o alinhamento das cornijas e das fachadas sobre a rua, asseguravam e valorizavam a continuidade do espaço

1. Segue-se a analogia introduzida por Pedro Vieira de Almeida, em diferentes textos desde 1967, da gaveta, da prateleira ou da dispensa.

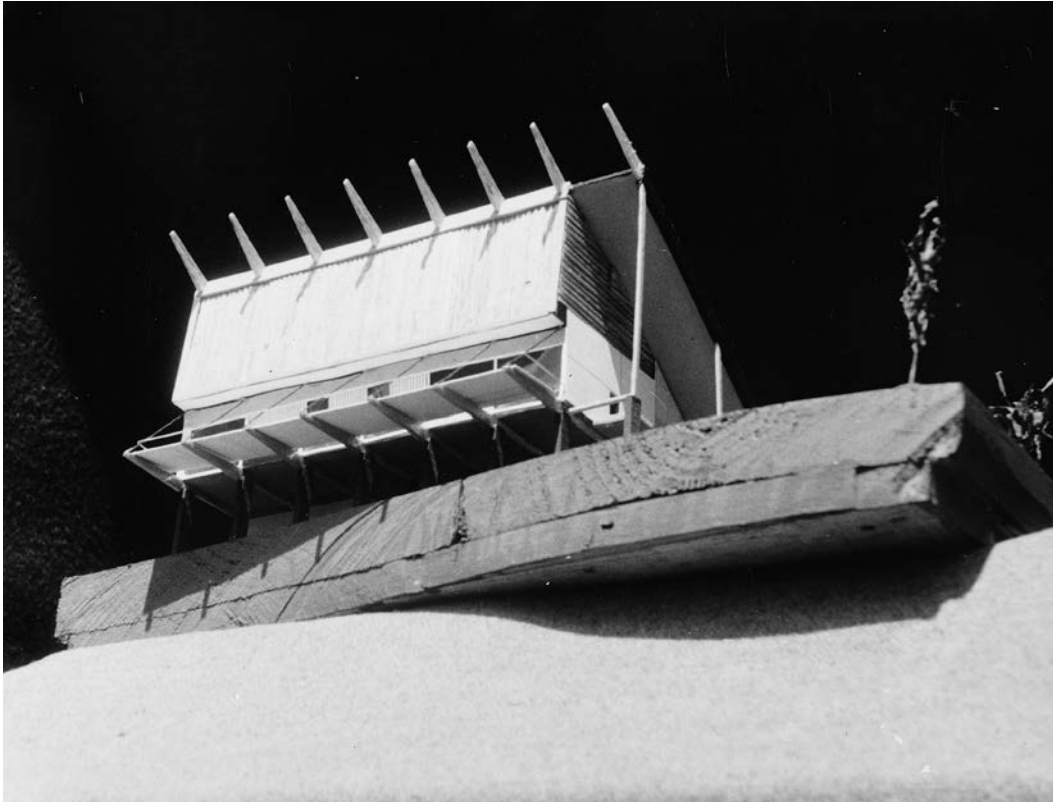


Edifício Galeria de França (AXA-UAP), Porto
Arqs. Pádua Ramos, José Carlos Loureiro, 1971
© Carlos Albuquerque Castro



Edifício na Rua de Santa Catarina, Porto
Arq. Cristiano Moreira, 1974
© Carlos Albuquerque Castro

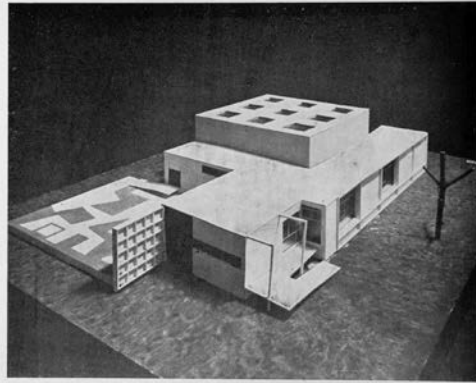
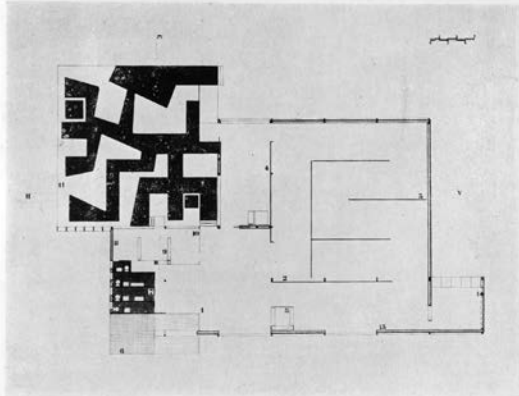
O núcleo central para a análise destas obras parece consubstanciar-se no que se pode designar como aparente banalidade da sua arquitectura. As obras referidas, ao utilizarem materiais novos, mas correntes na época no apelo induzido pela indústria dos materiais de construção, da pedra e do alumínio, fazem-no de uma forma distintiva, para com outras arquitecturas de então, mas, simultaneamente, banal na manutenção em continuidade de valores essenciais do espaço urbano. A diferenciação destas obras assim sabiamente obtida, sentida quando caminhamos na rua, introduz e valoriza uma “arquitectura corrente” capaz de se afastar de um gesto unicamente panfletário ou descomprometido com a cidade, e ainda capaz de ser rigorosa nos objectivos do seu desenho. Repare-se no recorte volumétrico do Edifício BES, fixado na cércea e no alinhamento da fachada, para garantir escala e continuidade com a Rua de José Falcão; ou o desenho da frente edificada na conformação do pequeno Largo Mompilher, no edifício com o mesmo nome.



Casa de Chá na Serra da Estrela
© Arquivo Pádua Ramos

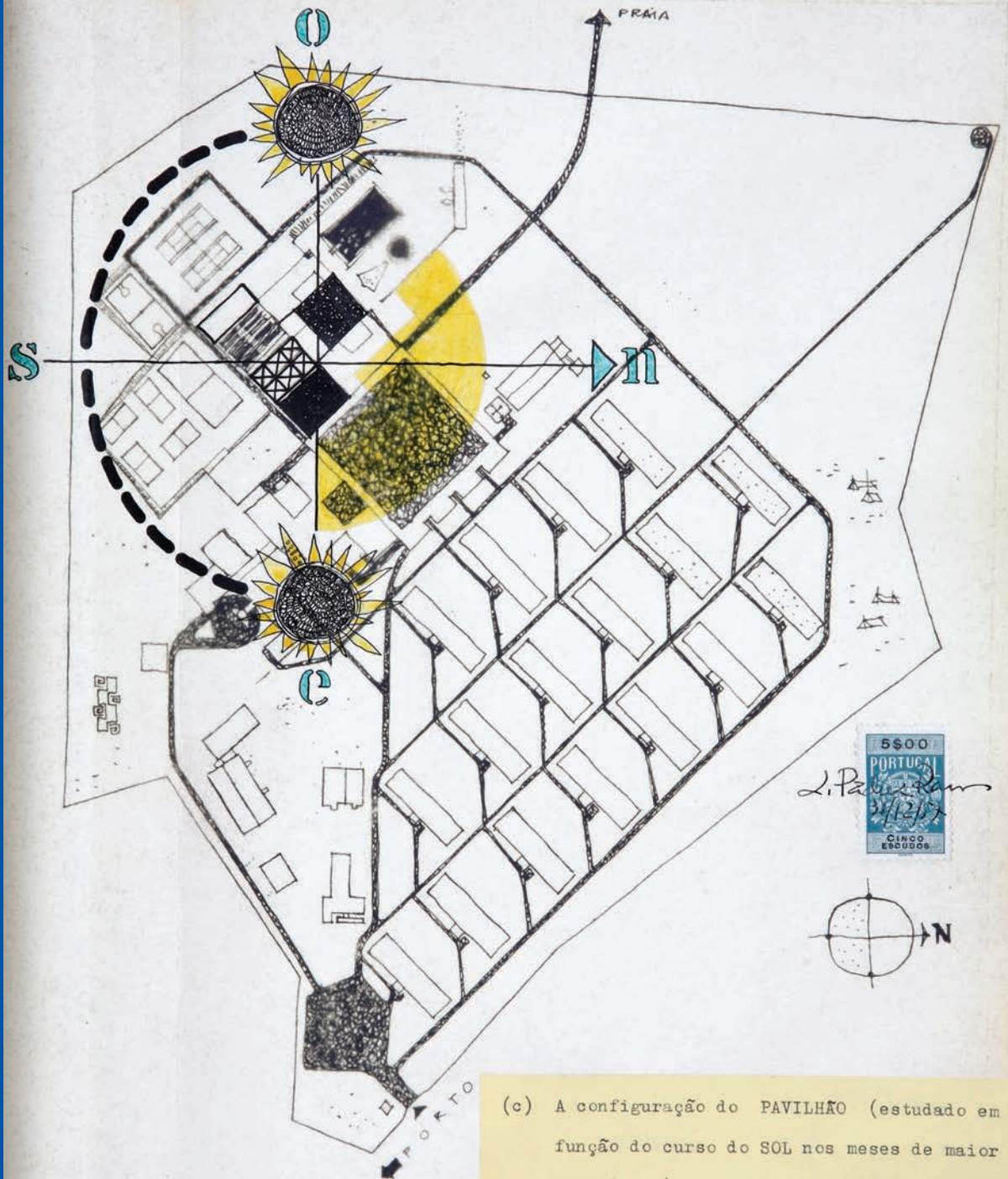
pádua ramos | um museu de artes plásticas

A situar na cidade do Porto, pretendem-se nele apresentar, segundo uma ordenação própria a estabelecer para cada caso e em regime de exposições temporárias, as peças da sua propriedade ou aquelas que para o efeito lhe sejam cedidas pelas colecções particulares ou oficiais. Dentro deste sentido os espaços a prever para exposição foram concebidos de modo a poderem atingir uma grande maleabilidade.



- 1 — hall de entrada adaptável a exposições 2 — sala de exposições 3 — painéis amovíveis
4 — armazém com cave e possibilidade de servir como sala de conferências 5 — vestidário
6 — rampa 7 — sanitários do director, senhoras, homens e pessoal 8 — director 9 — biblioteca
10 — conservador e secretário 11 — zona de exposições ao ar livre 12 — tabuleiros de natureza viva
13 — zona adaptável a exposições 14 — sala de arrumos.

Museu de Artes Plásticas no Porto
© Arquivo Pádua Ramos



(c) A configuração do PAVILHÃO (estudado em função do curso do SOL nos meses de maior incidência), juntamente com os seus longos terraços, produzem nas zonas mais interessadas largas manchas de sombra tornando-as amenas e distractivas.

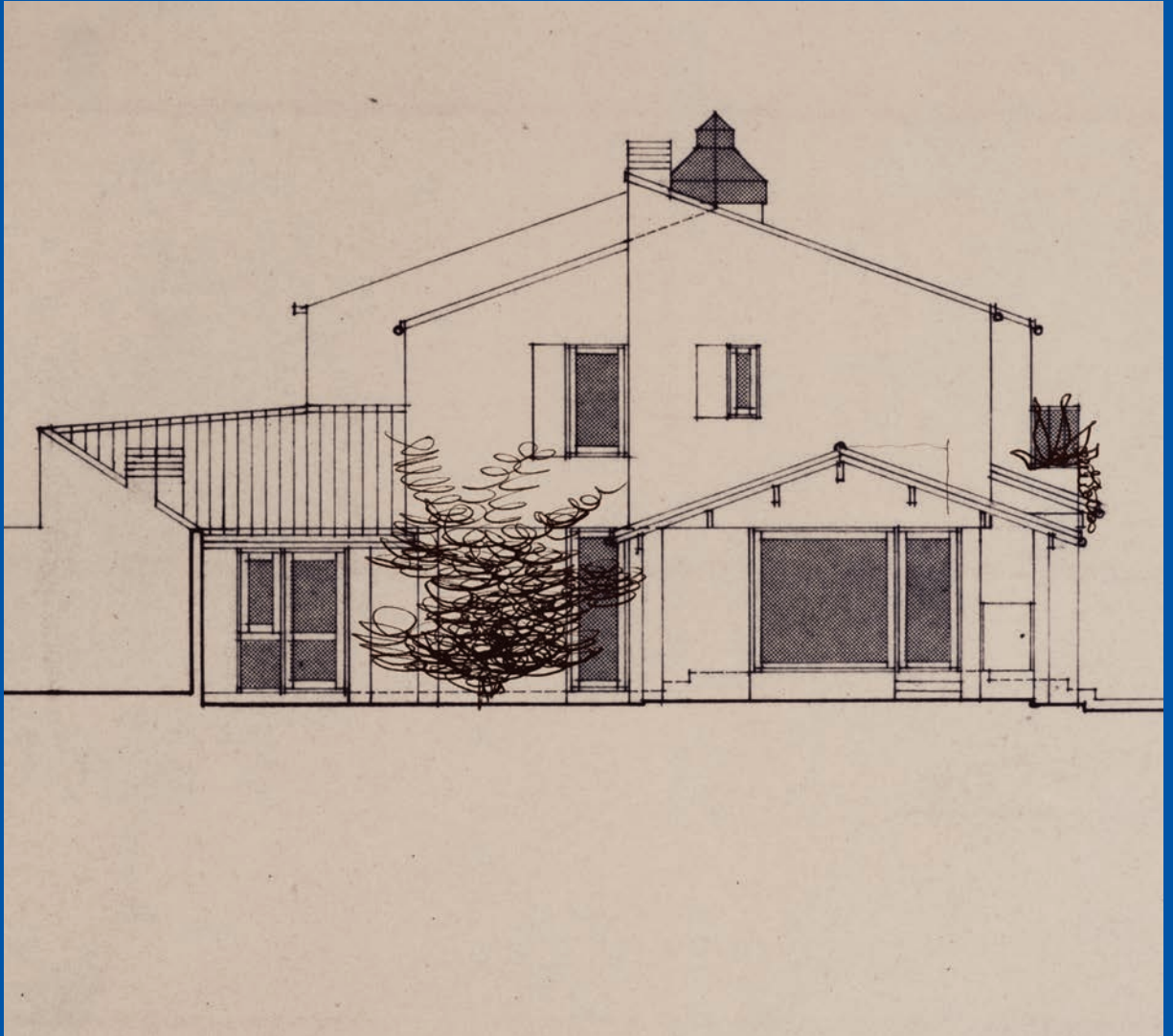
Evidenciação de linhas horizontais
Edifício Residencial
Rua Correia de Sá, 217-245, Porto
© Carlos Albuquerque Castro





Escadas
Armazém
Rua de Picoutos, 210, S. Mamede de Infesta, Matosinhos
© Carlos Albuquerque Castro





Estudo do alçado
Moradia unifamiliar
Rua Azevedo Coutinho, 42, Fão, Esposende
© Arquivo Pádua Ramos

1959

Prémio Rotary Club do Porto.

Diploma-se com a mais alta classificação — 20 valores e inicia a sua actividade profissional.

É convidado a participar numa das equipas (com Formosinho Sanches e Arménio Losa) convidadas pela Fundação Calouste Gulbenkian para o concurso de ante-projecto da sede em Lisboa.

1960

É convidado para 2º Assistente da ESBAP e para a disciplina de *Geometria Descritiva Aplicada*.

É convidado para associado do Arq. J. Carlos Loureiro, com quem já colaborava, passando a formar equipa desde essa época até ao seu falecimento (2005).

1969

Abandona o cargo de 2º Assistente para se dedicar inteiramente ao gabinete e à sua actividade em regime de profissão liberal.

1974

É convidado, após a *Revolução de Abril*, a participar no processo de reestruturação da ESBAP, convite que declina por razões políticas.

1976

Por escritura pública é formalizado o *GALP – Gabinete de Urbanismo, Arquitectura e Engenharia, Lda.*, forma jurídica da actividade profissional entre os dois arquitectos, que já vinham trabalhando juntos desde 1955, onde projectam e assinam obras importantes espalhadas pelo país, quer em co-autoria quer individualmente.

1990

Proposto prémio *European Community Design Prize 1990* com a obra, da sua autoria, *Edifício Serviços Sociais da Longa Vida*, Matosinhos.

1992

Prémio Secil de Arquitectura, concurso nacional 1992, *Edifício do Fórum da Maia*.

Desempenha cargos directivos na AAP e SRN em épocas distintas.



1975
Armazéns
Rua de Picoutos, 94/124,
S. Mamede de Infesta,
Matosinhos



1975
Armazéns
Rua do Progresso, 375,
Perafita, Matosinhos



1976
Moradia
Estrada Exterior da
Circunvalação, 13384,
Senhora da Hora,
Matosinhos



1976
**Edifício residencial
e comercial**
Rua da Constituição,
1932 // Rua de Serpa
Pinto, 407, Porto



1977
**Edifício comercial
e escritórios**
Rua Santos Pousada,
1057/1061, Porto



1977
Moradia
Rua António Aroso,
251/261, Porto



1977
Aparthotel Solverde
Rua 21, 77, Espinho



1978
**Edifício residencial
e comercial Morate**
Rua 32, Praceta Soeiro
Pereira Gomes, Espinho



1978
**Garagem
Nun' Álvares**
Rua Guerra Junqueiro,
485, Porto



1979
**Edifício Banco
Espírito Santo**
Rua José Falcão,
158/176, Porto



1979
**Edifício comercial
e escritórios Largo
Mompilher**
22/24 // Rua Dr. Ricardo
Jorge, 135/139, Porto



1979
Moradia
Estrada Exterior da
Circunvalação, 13398,
Senhora da Hora,
Matosinhos

A Monografia Pádua Ramos reafirma a importância de uma figura marcante da arquitectura e do design em Portugal, criando um documento único, através do trabalho rigoroso de um conjunto de investigadores. Esta colecção é composta por três livros que apresentam uma visão da sua obra de arquitectura e design e da sua faceta de coleccionador.

O livro *Pádua Ramos/ A arquitectura do quotidiano. 1960—1970* trata a obra arquitectónica de Pádua Ramos [1931—2005] e do seu enredo produtivo no contexto das décadas de 60 e 70.

